

**O Livro de Eclesiastes**  
Uma Análise Geral e  
Uma Análise Específica do Texto de Ec 12:1-8

por Pr. Luciano Medeiros da Costa

# Sumário

## **O Livro de Eclesiastes**

Conteúdo.....	2
Visão Geral .....	3
Autoria .....	5

## **Trabalhando o Texto**

Tradução literal .....	7
Tradução equivalente .....	7
Nota Introdutória .....	7
Comentário.....	8

<b>Bibliografia .....</b>	<b>12</b>
---------------------------	-----------

# O Livro de Eclesiastes

“Vaidade de vaidades, diz Qohelét; vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (1:2; 12:8)

O livro reflete um tempo de desespero. As promessas da aliança parecem muito distantes, as glórias nacionais de Israel foram esquecidas e a radiante esperança dos profetas se perdeu. Mas mesmo em meio a tanto desespero, o poeta descobre as ricas verdades proclamadas nos outros livros de sabedoria do Antigo Testamento (Jó e Provérbios). O “temor do Senhor” é uma fundação segura sobre a qual pode-se construir a vida (Jó 28:28; Pv 1:7). Eclesiastes ensina que a única esperança para se suportar o presente é temer e obedecer a Deus (12:13,14).

## Conteúdo

O termo “eclesiastes” tem uma longa história. Ele chegou a nós por meio de traduções do Antigo Testamento a partir do latim e do grego (Vulgata e Septuaginta). Ele é traduzido da palavra hebraica *qohélet* em 1:1: “Palavra do Pregador QOHELÉT, filho de Davi, rei de Jerusalém”. O termo hebraico não aparece em nenhuma outra parte do Antigo Testamento exceto nesse livro (sete vezes) e seu significado é incerto. Parece referir-se a alguém que lidera uma assembléia e, portanto, “eclesiastes” foi entendido como líder ou palestrante para uma assembléia. Por isso algumas versões usam o termo “Pregador”, mas ele aparece como substantivo próprio no livro e *Qohelét* é mais um filósofo que um pregador. Muitas das traduções mais recentes usam o termo “mestre”.

O propósito de *Qohelét* fica claro no lema declarado logo no início e repetido na conclusão formando um “invólucro” literário em todo o livro: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (1:2; 12:8). O termo hebraico *hebel*, traduzido como “vaidade” tem muitas conotações: absurdo, frustração, futilidade, ausência de sentido, vazio e vapor. O termo pode referir-se a um vapor passageiro, enfatizando sua natureza insubstancial e transitória. *Qohelét* adverte contra uma vida gasta na busca dos prazeres absurdos e vazios, que não tem valor duradouro. A vida sem Deus no centro não tem nenhum sentido.

## Esboço

- I. Título e tema (1:1-11)
  - A. Título (1.1)
  - B. Tema (1:2-11)
- II. Reflexões sobre a sabedoria (1:12-4:16)
  - A. A busca por satisfação (1:12-2:26)
  - B. Uma relação dos tempos (3:1-15)
  - C. Uma questão de justiça (3:16-22)
  - D. Uma questão de opressão (4:1-3)
  - E. Uma crítica ao trabalho (4:4-12)
  - F. A transitoriedade da fama (4:13-16)
- III. Admoestações e observações (5:1-12:8)
  - A. A prática religiosa (5:1-7)
  - B. Uma questão de corrupção política (5:8,9)
  - C. A vaidade da riqueza (5:10-6:9)
  - D. O desamparo e a ignorância do homem (6:10-12)
  - E. Provérbios sobre “melhor é” (7:1-14)
  - F. Evitar os extremos (7:15-24)
  - G. A busca pela sabedoria (7:25-8:1)
  - H. Protocolo da corte (8:2-8)
  - I. Desigualdades de retribuição (8:9-17)
  - J. Um destino em comum (9:1-6)
  - K. Apreciação da vida (9:7-10)
  - L. A inadequação da sabedoria (9:11-18)
  - M. Diversos ditados práticos (10:1-20)
  - N. Um chamado para agir (11:1-6)
  - O. A juventude e a velhice (11:7-12:8)
- IV. Conclusão (12:9-14)

## Visão Geral

Assim como Jó é uma coleção de discursos, Salmos é uma coleção de cânticos, e Provérbios é uma coleção de ditados curtos de sabedoria, Eclesiastes também é uma coleção. Esse livro contém diversos tipos literários com a mesma ênfase, tais como poesia, narrativa, ditados proverbiais e meditações curtas. Apesar de sua variedade, todos esses tipos possuem um tema em comum: a vida e nossas preocupações com coisas materiais efêmeras não tem sentido. O Pregador acredita que quando todas as camadas triviais da vida são eliminadas, o que sobra para nós é o “temor de Deus” e “gozar a vida”.

### Título e Tema (1:1-11)

A tese do livro é de que tudo é sem sentido. “Vaidade de vaidades. Tudo é vaidade” (1:2; 12:8). A forma literária hebraica “X de X” indica um superlativo e intensifica uma idéia. Por exemplo: o “Santo dos Santos” é o lugar mais santo, o “Rei dos reis” é o maior de todos os reis e o “Cântico dos cânticos” é o melhor de todos os cânticos. A vaidade e falta de significado no lema do livro são intensas e abrangentes: “Tudo é completamente sem sentido.”

Nem o nosso trabalho produz resultados que tornem a vida significativa (vs. 3-11). O sol se levanta e se põe, o vento roda o mundo e, da mesma forma, os nossos trabalhos são repetitivos e fúteis (vs. 5,6). E assim tem sido desde o princípio. Quanto mais os seres humanos orgulham-se de suas conquistas e desenvolvimento, mais as coisas permanecem as mesmas: “nada há, pois, novo debaixo do sol” (vs. 9,10).

### Reflexões sobre sabedoria (1:12-4:16)

Usando o rei Salomão como exemplo, o livro nos ensina que mesmo a fama não é garantia de significado de vida. Pensando em riquezas e recursos ilimitados do grande rei, o Pregador busca o significado da vida por meio dos grandes feitos de Salomão. Mas mesmo as conquistas de Salomão foram decepcionantes: sabedoria (1:13-18; 2:12-16), prazer (2:1-3), construções e riquezas (2:4-11). Desesperado, o rei resume todas as suas buscas como sendo vaidade total, como “correr atrás do vento” (uma frase que se repete nessa unidade, 1:14, 17; 2:11,17,26). No final, nós mortais não podemos fazer nada melhor que comer, beber e encontrar satisfação em nosso trabalho. Mas nem isso é nosso, e sim um presente de Deus (2:24,25).

A relação dos tempos (3:1-15) afirma que há uma variedade de tempos e estações na vida que são determinados por Deus. Todo o nosso trabalho árduo jamais pode mudar a maneira como Deus estabeleceu esses padrões cíclicos de vida (v. 9). Tudo o que podemos fazer é “regozijar e levar vida regalada” enquanto estamos vivos. É uma dádiva de Deus que “comamos e bebamos e encontremos satisfação” em nosso trabalho (v. 13). Devemos simplesmente gozar a maravilhosa criação de Deus e entender que tudo o que ele fez foi com a intenção de que o reverenciássemos e servissemos (v. 14).

A perspectiva da morte também é inegável. Nesse sentido, não somos superiores aos animais; todos respiram o mesmo ar e todos podem esperar morrer um dia (3:19,20). Mais uma vez, o único consolo é gozar o nosso trabalho (3:22).

O Pregador considerou todas as opressões “dabaixo do sol” e perdeu as esperanças. Ele concluiu que aqueles que já morreram estão em situação melhor que os que ainda vivem. Mais felizes ainda são os que nem nasceram (4:2,3). Conquistas, riquezas, companheirismo e glória de erguer-se da pobreza e chegar ao reinado - é tudo “vaidade e correr atrás do vento” (4:4,6,7,16).

## Admoestações e observações (5:1-12:8)

O Pregador continua sua avaliação das atividades que ele vê como sendo todas sem sentido. Religião (5:1-7) e riqueza (5:8-17) não dão significado à vida. O melhor conselho que o Pregador pode oferecer é comer, beber e estar satisfeito com o trabalho “durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu” (5:18). Este foi um tema que apareceu pela primeira vez no capítulo 2:24,25 e volta como a filosofia de vida do Pregador, dando uma ponta de esperança em seu livro que, de outro modo, é tão sombrio. Depois de concluir que não há justiça nessa vida, ele declara que não há nada melhor debaixo do sol que “comer, beber e alegrar-se” (8:15).

O futuro não tem garantias e é inútil esperar pelo melhor. A criança que nasce morta está melhor que alguém que vive uma existência de decepções (6:3-6), e o dia da morte é melhor que o dia do nascimento (7:1). A sabedoria é útil para quem a tem, mas a retidão não salva ninguém (7:5-14). O Pregador viu um homem justo perecer em sua retidão e um homem perverso viver uma vida longa em sua perversidade (7:5). O poder humano é arbitrário e imprevisível, assim, aqueles que servem à corte real devem aprender a conviver com o inevitável abuso do poder (8:2-8).

O tema dos capítulos 8:9-9:10 é resumido no capítulo 9:2: “Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica”. Em outras passagens, o Pregador lamenta que a morte é inevitável e que todos nós temos que enfrentar esse fato. Tudo o que podemos fazer é gozar a vida que Deus nos deu apesar das perguntas não respondidas (9:7-10).

A unidade seguinte (9:11-12:8) começa com uma afirmação sobre as incertezas da vida: “Não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória... porém tudo depende do tempo e do caso” (9:11). Nem mesmo a sabedoria necessariamente torna a vida significativa, porque por vezes ela passa despercebida (9:13-18). O capítulo 10 contém ditados práticos sobre a futilidade das empreitadas humanas. Ainda assim, o Pregador nos chama a agir, mesmo que nosso entendimento seja limitado: “Lança o teu pão sobre as águas...” (11:1). Ignorância e confusão não são desculpas para se ficar de braços cruzados (11:1-6).

### Trechos adaptados do Épico de Gilgamés<sup>1</sup>

Esta passagem do Épico de Gilgamés é paralela a Eclesiastes 9:7-9. As palavras desanimadoras de Siduri lembram Gilgamés de que todos nós devemos enfrentar a morte e que devemos aprender a aproveitar os breves momentos da vida o máximo possível.

*Gilgamés, onde você acha que vai chegar com suas andanças?*

*Você não encontrará a vida eterna que procura.*

*Lembra-te de que quando os deuses criaram a humanidade, eles nos deram a morte, reservando a vida para si mesmos.*

*Mas você, ó Gilgamés, que seu estômago esteja cheio e satisfeito.*

*Torne os dias e noites alegres, e faça de cada dia uma festa de celebração, com danças e jogos.*

*Que suas roupas estejam impecáveis, e sua cabeça lavada em água pura e refrescante.*

*Deleita-te com os pequeninos que seguram tuas mãos.*

*Alegra-te com o amor da tua esposa.*

*Isso é o melhor que nós humanos podemos esperar.*

1. Adaptado da antiga versão babilônica da placa 10, coluna 3, ANET, 90.

Essa unidade termina com um poema tocante sobre a velhice (12:1-8). A juventude é maravilhosa, mas os “maus dias” vêm para todos nós (v.1). Não importa quão invencíveis nos sintamos quando somos jovens, a velhice e a morte esperam por todos nós. A luz torna-se fraca nuvens enchem o céu, chega a tristeza e o canto dos pássaros enfraquece. Cada um de nós deve ir para a nossa “morada eterna” (v.5) enquanto o pó voltar à terra (v.7, referindo-se ao castigo de Gn 3:19). Devemos nos lembrar de que a Bíblia contém referências muito claras que nos fazem lembrar de nossa mortalidade.

#### Conclusão (12:9-14)

O Pregador chega à sua conclusão nesse breve epílogo. Depois de depreciar o estado da humanidade ao longo do livro, ele declara que a humanidade como um todo depende de Deus: “A suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (12:13). Razão e significado na vida são passageiros e podem até parecer impossíveis. Mas fomos colocados aqui para viver em um relacionamento com Deus, independente das circunstâncias. Este é o único objetivo de nossa vida e, se nós não o alcançamos, perdemos o significado.

O “temor de Deus” é definido como a obediência aos seus mandamentos. Andar pelos seus caminhos e obedecer sua vontade são as únicas empreitadas humanas que fazem sentido. Muitas traduções apresentam a última frase como “isto é o dever de todo homem”. Mas no hebraico o significado literal é “pois essa é a plenitude da humanidade”. Obedecê-lo é ser plenamente humano e poder alcançar o máximo de nosso potencial como parte de sua criação.

#### **Autoria**

A questão da autoria de *Eclesiastes* normalmente gira em torno da linguagem singular usada no livro. O hebraico de *Qohélet* é diferente de qualquer outro do Antigo Testamento. Estudiosos há muito tempo acreditam que a linguagem do livro foi posteriormente afetada por influências do aramaico, e que esse fator, juntamente a outras peculiaridades lingüísticas, deixa evidente que a obra é de uma data mais recente. A maioria dos estudiosos indica que o livro é do século III a.C.

Porém pesquisas recentes sobre a linguagem de *Qohélet* têm levado essa análise a ser questionada. A gramática e o vocabulário de *Eclesiastes* não parecem ser do período pós exílio, mas são, na verdade, completamente consoantes com o hebraico pré-exílio. Apesar da autoria exata ainda ser uma questão em aberto, não se pode mais determinar que a data de *Eclesiastes* é pós-exílica e mais recente tendo como base apenas as evidências lingüísticas.

A frase “filho de Davi, rei em Jerusalém” e certas passagens como 1:16,17 têm a clara intenção de lembrar o leitor de Salomão: “Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento. Apliquei o coração ao conhecer a sabedoria...” Esse orgulho de ter superado todos os que vieram antes dele no trono não tem muito valor se o único predecessor foi seu pai Davi. Como o livro não diz em lugar nenhum que Salomão é seu autor, é preferível deixar essa questão em aberto.

Ainda assim, o livro tem claramente alguma ligação com Salomão. Ele foi um estímulo para muita da literatura de sabedoria de acordo com a Bíblia e certamente é possível que exista algum tipo de ligação histórica entre o rei Salomão e o livro de

Eclesiastes. Ele foi, de fato, o autor de algum material da literatura de sabedoria (Pv 1:1; 10:1) e assim tornou-se a fonte, o modelo para toda a literatura de sabedoria de Israel.

- 1 וזכר את-בוראיך בימיבחורתיך עד אשר לא-יבאו ימי הרעה והגיעו שנים אשר תאמר אין-לי בהם הפץ
- 2 עד אשר לא-תחשך השמש והאור והירח והכוכבים וישבו העבים אחר הגשם
- 3 ביום שיזעו שמרי הבית והתעותו אנשי החיל ובטלו הטחנות כי מעטו וחשכו הראות בארבות
- 4 וסגרו דלתים בשוק בשפל קול הטחנה ויקום לקול הצפור וישחו כל-בנות השיר
- 5 גם מגבה יראו וחתחתים בדרך וינאץ השקד ויסתבל החגב ותפר האביונה כי-הלך האדם אל-בית עולמו וסבבו בשוק הספדים
- 6 עד אשר לא-ירחק חבל הכסף ותרץ גלת הזהב ותשבר כד על-המבוע ונרץ הנלגל אל-הבור
- 7 וישב העפר על-הארץ כשהיה והרוח תשוב אל-האלהים אשר נתנה
- 8 הבל הבלים אמר הקוהלת הכל הבל

### Tradução literal

1. E lembra-te dos teus criadores nos dias das tuas juventudes, até que não suceda os dias da desgraça e suceda os anos que falará: eu não tenho neles atração (apreço, agrado).
2. Antes que escureça o sol e a luz e a lua e as estrelas e voltem as nuvens depois da chuva.
3. No dia que tremerem os guardas da casa, e curvarem-se os homens de força, e folgarem do trabalho as moedoras por serem poucas, e obscureçam os olhos dos que olham pelas janelas
4. e sendo fechadas as portas na rua, no baixar o ruído do moinho e acordar-se com o som dos pássaros e encurvarem-se totalmente as filhas do cantar.
5. Quando a altura temerem e sentirem pavores no caminho, e florescer a amendoeira e o gafanhoto andar de arrasto e fracassar a alcaparra, quando caminhar o homem para a casa da eternidade e afastarem-se do caminho correto os pranteadores.
6. Antes que se rompa a corda de prata e se quebre a copa [bola] de ouro, e se quebre o jarro junto a fonte e se quebre a roda na cisterna,
7. e retorne o pó para a terra conforme era e o sopro [espírito] retorne para Deus que o deu.
8. Vaidade das vaidades fala Qohelét é tudo vaidade.

### Tradução equivalente

1. E lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude, antes que suceda os dias da desgraça e cheguem os anos dos quais dirás: "Não sinto neles prazer".
2. Antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e voltem as nuvens depois da chuva.
3. No dia que tremerem os guardas da casa e curvarem-se os homens de força, quando folgarem do trabalho as moedoras, por serem poucas; e obscurecerem-se os olhos dos que olham pela janela;
4. quando se fecha a porta da rua e o barulho do moinho baixa, quando se acorda ao cantar do pássaro e as filhas do cantar enfraquecem.
5. Quando se teme a altura e se sentem pavores no caminho; quando florescer a amendoeira, o gafanhoto andar se arrastando e a alcaparra estalar, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que o pranteiam vagueiam pela rua.
6. Antes que se rompa a corda de prata e se quebre a taça de ouro, e se quebre o jarro junto a fonte e a roda se quebre na cisterna,
7. quando retornar o pó a terra, como era, e o espírito retornar para Deus que o deu.
8. Vaidade das vaidades – diz Qohelét – tudo é vaidade.

### Nota introdutória

O capítulo 12 contém uma emocionante "Alegoria à Velhice". Aqui, a maioria dos comentaristas entende que a perícopes pretende descrever a progressiva debilidade e decadência do homem na velhice, porém, há muitas discordâncias nos detalhes. Muitas orações não parecem ser alegóricas, mas soam mais autênticas se forem entendidas como uma descrição literal, eufemista, da situação do "velho". Adicionalmente, o que seria o significado dessas alegorias, soa um tanto obscuro.

Alguns comentaristas, afirmam que algumas frases descrevem a perda da força

num órgão específico do corpo (Talmude, B. Shab. 152a; Midrash; Ibn Ezra). Em apoio a essa interpretação, o Talmude, loc. cit., cita o Rabino Joshua ben Hananiah e a descrição de sua própria situação: “A montanha é neve, isto é, cercada pelo gelo, os cães não latem mais e os moedores não móem”. A passagem talmúdica lida com figuras como “neve e gelo”, cada uma simbolizando a velhice; por isso, a falta de “latido” e “moedores” sugere o enfraquecimento da voz e a perda dos dentes. Isto empresta ajuda para a interpretação de 12:3 somente, não para os demais versos. Enquanto a interpretação alegórica parece plausível, ou até mesmo possível, em alguns versos isso é forçado e o poder poético da seção é gravemente afetado.

O devanecimento da vida é descrito como a chegada de uma tempestade, enquanto o lar do idoso é preenchido de terror que tenta, infrutiferamente, superar o medo do fim. Essa “Alegoria a Velhice” serve de alerta para percebermos a transitoriedade da juventude e da vida.

## Comentário

**Cap. 12:1** - “E lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude, antes que suceda os dias da desgraça e cheguem os anos dos quais dirás: “Não sinto neles prazer”.

Aqui se inicia impropriamente outro capítulo. O verso 9, do capítulo 11, é o princípio da narrativa que se segue, e que também muda de direção os discursos anteriores. Podemos afirmar isso através da conjunção “ו” (que está no princípio do texto “וְיִזְכֹּר” “E” lembra-te), que serve de conectivo com o texto anterior.

Há na primeira frase do texto um interessante jogo de palavras, trazido no plural. A palavra בּוֹרְאֵיךָ é igual a עֲשִׂים como uma designação do Criador (עֲשֵׂה). O *Yod* (י) foi deletado na base de vários manuscritos por S. Baer, para forçar a tradução no singular, mas isso não era necessário. A tradução feita no singular não é uma evidência da ortografia sem o *Yod*, tanto que o Texto Massorético é atestado por todos os demais manuscritos do Antigo Testamento. Para fazer isso S. Baer seguiu uma orientação própria. A forma que conhecemos, com *Yod*, geralmente sugere a grandeza e majestade de Deus (plural majestoso) e é usada em outras referências ao “Criador” em Jó 35:10, Is 54:5, Sl 149:2, Jó 35:10 e no Midrash Gen. Rab., Cap. 10. Num livro tão recente como o Eclesiastes, isso não pode nos surpreender, desde que não seja totalmente estranho para a linguagem pós-bíblica. Por isso, vimos que a expressão no singular, como uma designação *do Criador*, também é autorizada pelo Mishná (e.g. *Horajoth iii, 3; Nedarim x. 4*) que interpreta assim essa combinação de palavras. A palavra “juventude” também está no plural, mas traduzí-la literalmente soaria estranho na língua portuguesa, sendo preferível que esta também esteja no singular. Esse tipo de resolução não afeta em nada a mensagem original, que, com efeito, seria óbvia tanto no plural quanto é no singular.

Alguns eruditos alteram *Criador* (בּוֹרְאֵיךָ) para significar “bem” (בּוֹרֵךְ), fazendo a passagem referir-se figuradamente à fidelidade no casamento (cf. Pv 5:15-18). Falta evidência para isto nos manuscritos. Além do que já vimos acima, passagens paralelas (Dt 8:18; Ne 4:14), a gravidade da ordem (vers. 2-6), o contexto religioso (cf. 11:9; 12:13s.), tudo exige que a tradução seja *Criador*.

Finalmente, podemos agora dizer que o homem não deve procurar apenas seu bem-estar (11:1ss) mas, principalmente Aquele que o criou. Combinam-se a aptidão e a obrigação. Retrata-se a fragilidade crescente do homem numa série de quadros. A linguagem vívida “deu origem aos mais selvagens vãos de interpretação imaginosa” (Hertzberg). Gordis está correto ao afirmar que “aqui se retrata a velhice, sem que haja uma linha de pensamento constante”. Quer isto dizer que os quadros agrupam-se em duas categorias: as duas imagens do versículo 2 poderiam bem ser dois aspectos de

uma tempestade, enquanto os versículos 3s. permanecem juntos como retrato de uma casa decadente. Agora os dias são maus, cheios de fraqueza, de desamparo na velhice, de perceptível falha da força física e mental; e, paralelo a isso, estão aqueles anos dos quais nós nos tornamos capazes de falar: “Não sinto neles prazer”.

**Ver. 2** - “Antes que se escureça o sol e a luz, a lua e as estrelas, e voltem as nuvens depois da chuva.”

Percebemos agora o ar frio do inverno, enquanto a chuva persiste e as nuvens transformam a luz do dia em penumbra, e, então, a noite em trevas. Para M. Eaton é desnecessário arranjar interpretação para *sol... luz... lua... estrelas...* A idéia geral é clara: A imagem costumeira do Velho Testamento para trevas como capacidade decrescente para desfrutar a alegria. De modo semelhante, o retorno das nuvens provavelmente se refere à sucessão contínua de tristezas. Porém, Delitzsch descreve aqui uma alusão aos espírito, à luz do auto-exame, à alma e aos cinco sentidos! Retomando à Nota Introdutória, vamos levar em conta comentários que afirmam que, algumas frases se referem a perda de força em órgãos específicos do corpo humano (e outras circunstâncias que geram uma certa depressão).

- A.** O sol se refere ao brilho do rosto ou da testa. “A luz” são os olhos ou o nariz (Targum). “A lua” são as bochechas ou a alma (Targum). “As estrelas” são os globos oculares (Targum) ou as bochechas (Talmude Rashi).
- B.** O céu escuro é prenúncio de tempestade.
- C.** Tomando literalmente – “Para o velho o mundo prossegue na escuridão, porque mesmo depois da chuva, não é o sol, mas, as nuvens que vão surgir”.

**Ver. 3** - “No dia que tremerem os guardas da casa e curvarem-se os homens de força, quando folgarem do trabalho as moedoras, por serem poucas; e obscurecerem-se os olhos dos que olham pela janela”

O quadro revela, agora, sintomas da velhice. *Os guardas da casa* sugerem a falta de capacidade do velho se proteger de ameaças externas, ou referindo-se a fraqueza em seus braços. *Os homens de força* parecem referir-se às pernas, que em outra passagem relacionam-se com força (Sl 147:10). *As moedoras* são os dentes que caem na velhice; *os olhos dos que olham pela janela* identificam os olhos que escuressem-se na idade avançada.

Nesta passagem, também seria muito interessante repetir da Nota Introdutória a interpretação talmúdica do Rabino Joshua ben Hananiah, em sua descrição, quanto à perda de forças na velhice: “A montanha é neve, isto é, cercada pelo gelo; os cães não latem mais e os moedores não móem”. A passagem talmúdica lida com figuras como “neve e gelo”, cada uma simbolizando a perda de forças e a velhice, por isso, a falta de “latido” e de “moedores” sugere o enfraquecimento da voz e a perda dos dentes.

**Ver. 4** - “quando se fecha a porta da rua e o barulho do moínho baixa, quando se acorda ao cantar do pássaro e as filhas do cantar enfraquecem”.

É possível que o quadro do casarão em decadência “deveria ser analisado em sua integridade, e não laboriosamente desmembrado nas metáforas que o constituem” (Kidner). Como dito anteriormente, há muita diversidade na interpretação dos detalhes.

Depois dos olhos e da boca, procedemos para o ouvido e a repugnância do velho com qualquer som que perturbe seu descanso. *Quando se fecha a porta da rua e o barulho do moínho baixa (...)* e *as filhas do cantar enfraquecem*, alude a sua fraca

audição, porém, o velho, em seu descando, *acorda ao cantar do pássaro*, pois tem o sono tão leve que até mesmo o pipilar dos passarinhos o despertará. Mesmo com a audição prejudicada é plausível que o quadro se refira ao despertar erraticamente, de madrugada.

**Ver. 5** - “Quando se teme a altura e se sentem pavores no caminho; quando florescer a amendoeira, o gafanhoto andar se arrastando e a alcaparra estalar, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que o pranteiam vagueiam pela rua”.

Suspende-se por algum tempo o uso de imagens: o velho tem medo de altura e de viagens. A *amendoeira que floresce* diz respeito ao cabelo que se torna cinzento, e depois prateado. O *gafanhoto andar se arrastando* refere-se ao caminhar difícil e até incerto dos anciãos. A *alcaparra estalar* indica a falta de apetite ou de paladar na velhice; a alcaparra aparentemente era um estimulante dos apetites físicos, talvez até afrodisíaco, possivelmente referindo-se à falta de interesse sexual dos idosos.

Enfim, a explicação do porque dessa decadência sistêmica: *o homem já está a caminho de sua morada eterna*, assim a morte é o clímax de um processo que se inicia na vida, no nascimento. Por último, *os que o pranteiam vagueiam pela rua*, enfatizando a tristeza de todos os homens que está, inevitavelmente, ligada ao mesmo processo até a morte.

**Ver. 6** - “Antes que se rompa a corda de prata e se quebre a taça de ouro, e se quebre o jarro junto a fonte e a roda se quebre na cisterna”

O advento da morte é pintado metaforicamente neste verso.

De acordo com a maioria dos comentaristas, duas figuras são empregadas: uma taça e uma fonte. A taça (ou *bola* - Delitzsch, ou *lâmpada* - Gordis) de ouro, segura por uma corda de prata é estilhaçada quando esta se rompe, e seu brilho desaparece. A imagem pode ser baseada em Zc 4:2-3. A segunda figura apresenta o quebrar do jarro junto a fonte, fazendo com que a roda se estilhace na cisterna.

Abraham Ibn Erza, argumenta convincentemente que aqui há somente uma figura, onde a corda está amarrada à roda. Uma ponta da corda está amarrada no jarro, a outra na taça (para essa interpretação a palavra *bola* seria mais coerente, assim a utiliza o comentarista) de ouro, como contrapeso. Quando a corda se rompe, bola, jarro e roda caem e quebram.

Algumas identificações mais detalhadas são propostas: *a corda de prata* é a língua (Targum) ou a espinha (Rashi Ha Levi), ou a alma (Delitzsch). A *taça de ouro* é a medula (Targum Ha.) ou a cabeça (Delitzsch). O *jarro* é o fígado (Targum), ou o estômago (Rashi Ha Levi), ou o coração, e *a roda* é o corpo (Targum) ou o globo ocular (Rashi Ha Levi).

Todas essas equivalências estão longe de serem conclusivas, não somente por causa de tantas variações, mas porque tornam a passagem excessivamente prosaica. Além disso, desde que o verso segue a referência “morada eterna” (v.5), devemos aceitar que ele só se refira à morte, isso é preferível à referência a detalhes específicos. A “Alegoria à Velhice” é utilizada no apocalipse siríaco de Baruc para descrever a decadência do mundo: “A juventude do mundo é passado e a força da criação já está exausta, e o advento dos tempos está próximo, sim, ele vai acontecer. O jarro está perto da cisterna, o navio do porto, e o curso da jornada rumo para a cidade, e a vida para a sua consumação” (II Baruc 85:10).

**Ver. 7** - “quando retornar o pó a terra, como era, e o espírito retornar para Deus que o deu”.

O verso reflete a familiaridade de *Qohelét* com a Torá, baseando-se obviamente em Gn 2:7 e 3:19. A estrutura paralela da passagem inteira torna possível assumir que

essa parte (parte b do verso) é uma interpolação, enquanto a supressão do verso inteiro poderia privar o poema de um impressionante desfecho.

A alegoria, que se inicia com uma exortação “lembra-te do teu Criador”, termina com o retorno do espírito do homem a Deus “que o deu”. Aqui *Qohelét* não pode negar que a vida vem de Deus e a Ele pertence, portanto, a Ele retornará.

**Ver. 8** - “Vaidade das vaidades fala Qohelét é tudo vaidade”.

A decadência e a morte trazem *Qohelét* de volta às suas primeiras palavras. O fenômeno da morte é o exemplo supremo de reino terrenal, aquilo com que o *Qohelét* começou (1:2). Tendo aprovado sua tese, seu trabalho chega ao fim.

## **Bibliografia**

S. Baer and Franz Delitzsch, *Quinque Volumina* (Leipzig, 1886)  
Gordis, Robert, *Koheleth – The Man and His World*, Bloch Publishing Company, New York, 1955.  
Delitzsch, Franz, *Commentaries on the Old Testament, Ecclesiastes*, Grand Rapids, 1874.  
Eaton, Michael A., *Ecclesiastes e Cantares – Introdução e Comentário*, Mundo Cristão, 1984.  
Kidner, Derek, *A Mensagem de Ecclesiastes*, ABU Editora, 1989.

### **Bíblias de Referência para Tradução**

Bíblia Hebraica: Stuttgartensia, Second Edition, amended 1977  
Authorized King James Version - KJ  
Bíblia de Jerusalém - BJ  
Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB  
Nova Versão Internacional - NVI  
Vulgata Latina - Traduzida pelo Pe. Matos Soares  
Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original - SBTB

### **Dicionários e Afins**

Analytical Key of The Old Testament...  
Harris, Laird R.; Archer, Gleason L.; Waltke, Bruce K., *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Edições Vida Nova, 1998.  
Schökel, Luis Alonso, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, Paulus, 1997.  
*Dicionário Hebraico-Português*, Sinodal, 1999.  
Kelley, Page H., *Hebraico Bíblico – Uma Gramática Introdutória*, Sinodal, 2ª Edição, 2000.